



António Lobo Antunes

UMA CARTA PARA CAMPO DE OURIQUE

Ontem fui ver a casa, Ana. Quer dizer, eu sabia que já não havia a casa mas insisti em ir a Campo de Ourique mesmo assim. Você sabe: a casa dos meus pais por detrás da igreja, a vivendinha, de dois andares, em cujo jardim costumávamos brincar, ajoelhados no trevo dos coelhos, perto da gaiola da rede, ao fundo do quintal, onde os olhos, as orelhas e os focinhos deles tremiam. Aliás, quando me lembro da casa é sobretudo isso que recordo: uma silenciosa agitação de sombras na gaiola encostada ao muro, sob a nespereira sáfara, pupilazi-

Onde era a casa e a casa ao lado (a do coronel de artilharia, aquele senhor muito alto, amparado a uma bengala, como um pedaço de vento que se esqueceu de soprar), é um minimercado agora, no qual as viúvas de Campo de Ourique compram sabão, detergentes, caramelos, dúzias de viúvas empurrando os seus carrinhos por veredas de fraldas e compotas, mas eu continuo a supor que a nossa casa existe.

nhas vermelhas, pálpebras que me espiam, que nos espiam, secretas, da infância.

Onde era a casa e a casa ao lado (a do coronel de artilharia, aquele senhor muito alto, amparado a uma bengala, como um pedaço de vento que se esqueceu de soprar), é um minimercado agora, no qual as viúvas de Campo de Ourique compram sabão, detergentes, caramelos, dúzias de viúvas empurrando os seus carrinhos por veredas de fraldas e compotas, mas eu continuo a supor que a nossa casa existe, de forma que entro no minimercado, coloco uma

moeda de cinquenta escudos na ranhura, separo, por meu turno, um carrinho dos carrinhos encaixados uns nos outros numa longa fila expectante e, como se fosse, eu também, uma viúva (os homens podem ser viúvas, não é verdade, Ana, principalmente os homens da minha idade, assim grisalhos, assim calados, assim tão sem esperança como a chuva num pátio), caminho por ruazinhas de flocos de aveia, de caramelos, de iogurtes, do mesmo modo que caminhava dantes, sem peso, pelos compartimentos da casa, através das ilhas de luz que a hora da sesta semeava nos tapetes.

Tão estranho não ter casa, Ana. Não nos vimos há tanto tempo, deixámos, há tanto tempo, de falar, que você não sabe, não pode saber, aonde moro: basta que lhe diga que, para chegar a Campo de Ourique, necessito de tomar três autocarros diferentes, deixando-me o último bastante longe da vivenda, junto do cemitério e dos seus gladiolos tão brancos. Mas todos os domingos venho aqui. Preciso de voltar a casa, mesmo que não exista a casa, mesmo que tenha de empurrar um carrinho pelos ladrilhos do minimercado e de comprar o orégão, a salva e os rebuçados de menta de que não preciso, para que os empregados não entendam quem sou, para que não percebam o que venho fazer, para que não escutem o leve, teimoso, persistente, suave rumor do passado que me persegue e acompanha, para que não dêem fé dos coelhos na gaiola de rede, a devorarem o trevo debaixo de um ramo de nespereira. Detestaria que dessem fé dos coelhos. Como detestaria que anotassem o retrato dos meus pais, acolá, no sítio de sempre, sobre um tampo de cómoda que se transformou numa pilha de garrafas, etiquetas de cerveja e de concentrado de laranja.

Às vezes dá-me a sensação de que é isso, e não o fiambre, ou o leite, ou os chocolates, que

as viúvas de Campo de Ourique transportam nos carrinhos metálicos, dá-me a sensação de serem fotografias, objectozinhos, casaquitos de lã, o relógio de ouro do meu avô na sua redoma de vidro, dá-me a sensação de que pagam, na caixa, o meu passado, que o arrumam na dispensa, que o gastam no Inverno, que, de certa maneira, se alimentam do que fui, do que fomos: passeios de bicicleta até à Ajuda, noites de sexta-feira no cinema, sabor de bombons de tangerina, um morto enorme, de sapatos de verniz, no quarto lá de cima.

Que estranhas estas viúvas, Ana: todas de negro, com um chapelito de véu na cabeça, caminhando em fila, num trote miúdo, carregando, em sacos de plástico, o que me pertence, o que durante anos sem fim, me pertenceu. Daqui, de onde lhe escrevo (uma leitariazinha modesta, perto da nossa casa, com um televisor apagado em cima de latas de biscoitos), olho o minimercado que a última delas abandona, e sei que, se entrar, se introduzir uma moeda de cinquenta escudos na ranhura, separar um carrinho e me dirigir, com ele, para as avenidas de latas de molho de tomate e pão de forma, encontrarei, dúzias e dúzias de coelhos mastigando, à falta de trevo, os desenhos da carpete, numa casa em que ausência se multiplica nos compartimentos sem ninguém. A empregada da caixa, sem os ver, lê uma fotonovela, encostada ao balcão.

E eu passearei por entre as prateleiras, em busca de um odor que não há, apanharei o autocarro na paragem junto ao cemitério, e regressarei ao apartamento em que moro a fim de terminar esta carta, a colocar no envelope, e permanecer a olhar a parede fronteira séculos a fio como, sem que você se desse conta, olhava o seu perfil, ao meu lado, na tarde em que fomos ao teatro, e eu quis dizer que gostava de si e nunca fui capaz. ●